

## O NACIONALISMO ALENCARIANO DE GILBERTO FREYRE: INFLUXOS RECÍPROCOS

Carmen de Fátima Henriques da Matta\*

**RESUMO:** *Analisa-se o influxo de José de Alencar sobre o pensamento de Gilberto Freyre, que se expressa a partir da constituição de um sistema crítico-interpretativo inaugurado pelo romancista, no século XIX, e ampliado pelo sociólogo-antropólogo, no século XX. Os ensaios Como e porque sou romancista, autobiografia de Alencar, e Como porque sou escritor, autodefinição de Freyre, ao serem confrontados, expressam semelhança de método de ambos para elucidação de questões fundamentais sobre a cultura brasileira. Pretende-se observar, de um lado, como Alencar influenciou as visões culturalistas de Freyre e, de outro, a reinterpretação de Freyre, na década de 1950, sobre Alencar, ao propor uma redefinição do lugar do romancista, até então obliterado, no cânone literário nacional.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *José de Alencar; Gilberto Freyre; como e porque; sistema literário; crítica e interpretação.*

O influxo de José Alencar (1829-1877) sobre o pensamento de Gilberto Freyre (1900-1987) foi sugerido por Antonio Candido (1962), ao considerar que o nacionalismo de Freyre estaria ligado aos românticos, especialmente a Alencar, pela construção de “uma visão literária do Brasil”. Esta expressão de Candido torna-se muito pertinente para entender a relação Alencar-Freyre.

Um grande influxo se expressa pela assumida inspiração de Freyre no antológico ensaio autobiográfico *Como e porque sou romancista* (CPSR, 1990, [1873]), de Alencar, que narra sensivelmente como se desenvolveu nele o pendor para esse ofício e como foi seu método de trabalho: tornou-se romancista eminentemente por ser um leitor de romances na adolescência e, de tanto ler, introjetou a forma definitivamente em sua personalidade: “a que atribuo a predileção de meu espírito pela forma literária do romance”. Freyre, por sua vez, em *Como e porque sou escritor* (CPSE, 1965), inicia seu ensaio com o mesmo teor de seu inspirador: “O que principalmente sou? Creio que escritor. O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador são em mim ancilares do escritor”. Alencar propõe uma sociologia do romancista: “há na existência dos escritores fatos comuns, do viver quotidiano, que todavia exercem uma influência notável em seu futuro e imprimem em suas obras o cunho individual”. Freyre, no mesmo sentido, oferece “um depoimento ou uma confissão de possível interesse sociológico” com “algumas das orientações que considero essenciais à afirmação de um escritor como escritor; e que se baseiam até certo ponto na minha própria experiência”; quer dizer, propõe-se a fazer um percurso que leva a uma “sociologia do escritor”. Para ambos, o exercício experiencial é uma marca essencial em suas produções.

Se o redator-cronista-romancista ilumina o sociólogo-antropólogo-escritor, Freyre, por sua vez, reinterpreta o papel de Alencar em nossa literatura, depois de o nosso mais importante romancista oitocentista ter sido relegado a um lugar obliterado pela recepção crítica, pelos letrados ofuscados pela força da ficção de Machado e pelos romancistas modernistas. Essas similaridades

---

\* Doutora em Literatura Comparada pela UERJ, Mestre em Letras pela PUC-Rio e Editora da *Revista Rio de Janeiro* da UERJ. E-mail: [carmendamatta@hotmail.com](mailto:carmendamatta@hotmail.com).

entre Alencar e Freyre e seus influxos recíprocos podem ser detectadas no confronto desses dois ensaios paradigmáticos.

Freyre aproveita largamente o “como” e o “porque” de Alencar, radicaliza a intenção inaugural de seu mestre e imprime forte carga semântica aos termos como indutores de recepção de textos e idéias e para compreensão de seus métodos e escolhas intelectuais. Em algumas reedições desses ensaios – *Como e porque sou romancista* e *Como e porque sou escritor* –, o “porque” aparece equivocadamente grafado – “por que” –, o que nos parece uma falha interpretativa. Tanto Alencar quanto Freyre, com suas personalidades cordiais, não deixariam escapar esse equívoco teórico. O “como”, tomado gramaticalmente como um advérbio de modo, quer esclarecer os procedimentos e o método; e o “porque”, tomado como uma conjunção explicativa de períodos formados por coordenação, delimita o porquê das escolhas; o primeiro, a de “ser romancista”; e o segundo, a de “ser escritor”; escolhas intelectuais que deveriam se portar acima de qualquer rótulo dado por analistas influenciados pelas várias frentes de atuação exercidas por ambos. O “como” e o “porque” servem ainda de resposta a tantas críticas dirigidas a ambos por aqueles que não alcançariam o real teor de suas propostas, de suas idéias, tanto teórico-metodológicas quanto estéticas, e que divergiam de suas conclusões.

A inspiração em Alencar, como romancista que atua em várias frentes e preocupado em dar sentido a uma civilização em formação, vem ao encontro dos propósitos de Freyre como cientista e escritor orientado a ter um amplo aproveitamento de tudo que fosse “genuinamente brasileiro”, conforme nos diz Gilberto Amado (1962). Alencar também queria que seus romances se tornassem uma referência para a consolidação de sua nação; e esta tarefa lhe coube como romancista, primeiramente, não como cronista, advogado, ou político eloqüente; queria produzir uma literatura significativa que superasse a “praga” da política em sua vida, marcada por algumas derrotas e perseguições sofridas quando atuava nas esferas monárquicas, e o cansaço das longas jornadas nas redações dos folhetins, muitos dos quais boicotaram suas produções ou não deram o valor que o público dava aos seus romances. Por isso, quis demarcar como gostaria de ser recebido pela posteridade: como “romancista” e o porquê dessa escolha.

Na mesma direção, Candido (1962) afirma que Freyre era um autor difícil de ser rotulado pelas convenções científicas e parâmetros rígidos, percebendo nele certo pavor de parecer acadêmico. “Escritor” seria realmente uma designação mais adequada a Freyre, que enfrenta a dificuldade em se assumir uma condição, seja de sociólogo, seja de antropólogo, seja de filósofo no âmbito das ciências do País. Essa analogia faz com Alencar que, como intelectual do século XIX, enfrentou a mesma questão, de ter reconhecido um lugar dentro da cultura brasileira. Ser romancista depois da segunda metade do século XIX tornou-se uma condição relativamente consolidada, mas não era bem assim no início de sua carreira; muitos preconceitos tiveram de ser enfrentados e nessa direção foi nosso “pequeno Balzac” um desbravador de caminhos para que a condição de romancista se afirmasse:

Hoje em dia quando surge um novel escritor, o aparecimento de seu primeiro trabalho é uma festa, que celebra-se na imprensa com luminárias e fogos de vistas. Rufam todos os tambores do jornalismo, e a literatura forma parada e apresenta armas ao gênio triunfante que sobe ao Panteão.

Compare-se essa estrada, tapeçada de flores, com a rota aspérrima que tive de abrir, através da indiferença e do desdém, desbravando as urzes da intriga e da maledicência. (ALENCAR, *CPSR*, p.65)

Depois da popularização do gênero romance e do *status* alcançado pela profissão de romancista, todos que se aventurassem na ficção poderiam se dar esse rótulo facilmente. Esse dilema enfrentado por Alencar foi percebido por Freyre, que enfrenta a mesma questão na década de 1960 e, diante disso, prefere buscar uma autodefinição como intelectual e esclarecer o seu método.

A questão que Freyre percebe é que, como ele, Alencar manteve várias frentes de atuação em uma sociedade que ainda não possuía um sistema acadêmico e intelectual consolidado. Por isso, Alencar sintetiza todas essas frentes em uma só: a de “romancista”.

Quase todos os brasileiros conhecem desde meninos, desde o colégio, alguns até desde a escola primária, as páginas de antologia em que o ainda hoje tão discutido José de Alencar – há quem não o considere digno de figurar como romancista na história da literatura brasileira – conta ‘como e porque’ tornou-se ‘romancista’. Ninguém estranha, entre nós, que um indivíduo, mesmo sem ser novo Alencar, mas apenas por escrever arremedos de romances, se diga romancista. (FREYRE, *CPSS*, p.41)

De maneira análoga, Freyre enfrenta a questão de uma autodefinição – sociólogo, antropólogo, literato, crítico literário, seminovelista, intérprete cultural? Embora admitindo sua séria atuação em todas essas áreas, Freyre conclui no mesmo sentido alencariano, sintetizando sua transdisciplinaridade em uma condição que abrangesse todas as suas atuações: a de “escritor”.

Freyre se posiciona também no mesmo sentido de Alencar ao reclamar que seu pioneirismo nas ciências sociais brasileiras teria sido mais reconhecido no exterior e ao delegar para si a criação de uma nova escrita de história humana em termos de Brasil, quiçá em termos internacionais, premiada amplamente por teóricos estrangeiros, mas sem ter em suas próprias terras, segundo ele, um reconhecimento no nível do que teria dado teóricos franceses, ingleses, espanhóis, alemães e norte-americanos. A crítica de Freyre refere-se a pouca valoração dada pelos brasileiros àqueles que foram pioneiros em descobertas importantes de caráter cultural para o País.

Comparando a trajetória intelectual de Alencar e de Freyre, ambos dão importância à formação herdada da família, aos primeiros mestres, às viagens pelo Brasil – que os propiciaram a introspecção de imagens do Nordeste, que depois se tornariam instrumentos para desenvolverem suas representações. Há uma larga margem de semelhança entre esses dois intelectuais, em suas metodologias e em termos de uma construção alegórica e totalizante de cultura brasileira. Há na construção de imagens um “instinto de nacionalidade”<sup>1</sup> comum no pensamento de Alencar e de Freyre.

Alencar e Freyre também representam exemplos de impertinência em nossa cultura. São interessantes alguns pontos de identificação de ambos os escritores, especialmente no fato de serem “suscitadores de polêmicas”. A começar pela verve ao responderem aos embates. No caso de Alencar, a polêmica em torno da recepção do poema-manifesto de Gonçalves de Magalhães, *A Confederação dos Tamoios* (1856), críticas que lhe renderam antipatias da intelectualidade e do governo imperial.

---

<sup>1</sup> Expressão de Machado de Assis. In: “Literatura Brasileira - Instinto de Nacionalidade” [1873].

No caso de Freyre, os comentários desfavoráveis de alguns críticos ao ensaio *Casa-Grande & Senzala* (1933) recebem respostas do autor nos sucessivos prefácios das reedições do texto, críticas que se centravam em três aspectos, basicamente: nas interpretações sobre a configuração de um *ethos* nacional mestiço, os “antagonismos em equilíbrio” configuradores de nosso processo civilizatório e a linguagem do texto.

Parece-nos análoga a insistência de Alencar e de Freyre em alcançar reconhecimento, compreensão e um *topos* canônico. A eloquência tornou-se para ambos uma arma de combate. Por causa da veia forte de caráter de ambos, fizeram seguidores, mas angariaram inimizades; sabiam que tinham idéias avançadas, que eram faróis para um olhar retroativo para a história colonial.

Cada um a seu modo e em seu contexto sócio-histórico, tinham Alencar e Freyre em comum a obstinação em dar significado ao passado e em detectar mecanismos que determinaram o desenvolvimento da sociedade brasileira – e buscaram na literatura essa possibilidade. Nosso romancista atribuía a si o papel de fundador de uma nova romanesca no século XIX e de uma imaginação moderna no Brasil rumo ao progresso. Nosso escritor atribuía a si o papel de ter fundado no século XX uma nova escrita de história humana no País. Ambos consideraram ter trazido uma contribuição singular para o auto-reconhecimento da sociedade.

Há muito de vaidade, de culto à genialidade individual, demonstrados por ambos os intelectuais, a despeito de seu real brilhantismo. De fato, enfrentaram enormes entraves na recepção crítica, porém levaram também gerações de teóricos a elaborarem teses e mais teses que oscilam, digamos assim, no cânone cultural, ora resgatando-os como referenciais, ora afastando-os como modelos ultrapassados, dependendo dos padrões teóricos em vigor nas ciências humanas e sociais. Em uma sociedade marcada pela voz de uma autoridade patriarcal cordial – refiro-me à cordialidade preconizada por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* –, tanto Alencar quanto Freyre exerceram o “sabe com quem está falando?”, analisado por Roberto DaMatta como um traço constituinte da fala autoritária do brasileiro. Alencar e Freyre tinham consciência de seu brilhantismo, vislumbraram alterações no sistema cultural que poderiam promover – e promoveram, sem dúvida –, constatarem fragilidades de nossas ciências, estavam cientes da superioridade de suas produções comparadas às que circulavam em suas épocas, mas também tinham dificuldade em aceitar divergências ou incompreensões. Existem muitas nuances de ressentimentos nos ensaios de ambos os autores. Essa intenção em delimitarem métodos e garantirem um lugar na posteridade está perpassada por uma persistência de espírito, por uma potência da vontade. Contudo, há em meio a essas intenções alguns ressentimentos. Alencar se ressentia do não reconhecimento de seu papel em vida, mesmo intuindo que isso se alteraria no futuro. Freyre lamenta ter mais reconhecimento externo do que em sua própria terra.

Alencar remete-nos a Freyre no que se refere às “insurgências e ressurgências” temáticas, já que sua produção romanesca marca-se pela falta de linearidade no tratamento dos assuntos: a maneira de produzir seus romances intercalava temáticas urbanas, indianistas, regionalistas e históricas, iniciando temas em alguns romances, aprofundando e concluindo outros bem mais tarde, produzindo muito, mas de uma forma fragmentária. O próprio veículo, o folhetim, obrigava a uma produção aos pedaços; a imaginação não corria solta, era interrompida pelas exigências redatoriais – e pela vida política. *O Guarani* foi escrito em 1857, retratando um Brasil em plena colonização, depois dos dois primeiros romances urbanos; em meio a outras ficções, com enfoques regionais, peças teatrais, infinidades de crônicas, Alencar retorna ao indianismo com *Iracema* (1865), para voltar no tempo histórico e ficcionalizar a chegada do português e seu choque com o indígena; e fecha a trilogia indianista com *Ubirajara* (1874), que mitifica um Brasil sem a presença do europeu, um Brasil lido como de “raça pura”. Foram necessárias três décadas para que sua proposta indianista se complementasse e assim o fez em um movimento de traz para frente. Alencar opera uma mescla

de diversos assuntos que tratam de aspectos civilizatórios; essas várias frentes temáticas configuram o hibridismo alencariano. Essa trilogia alencariana representou uma tentativa no âmbito ficcional em querer dar sentido a uma cultura específica no contexto americano que obteve um relativo sucesso – ainda que Alencar não tivesse tido um reconhecimento em vida como reclamou e como merecia.

Freyre também se marca como cientista social, não somente, mas sobretudo, por sua trilogia mais referencial, que são os ensaios *Casa-Grande & Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1959). Com elas, interfere e altera o percurso das ciências nas academias do País, embora não sendo propriamente um acadêmico – dizia-se mais conferencista, pesquisador e fundamentalmente escritor do que um liceu. Freyre parece assimilar essa assimetria temática, que insurge e ressurgue em Alencar, retrabalhando com intermitência os mesmos temas abordados nessa trilogia em outras produções elaboradas no decorrer de toda a sua vida, redefinindo visões iniciais, concluindo alguns pontos pendentes ou abrindo novos enfoques para velhos temas.

Ainda que defendessem para si uma liberdade de expressão avessa a academicismos, Alencar e Freyre afirmam que suas vinculações se devem a uma eficiente formação científica, mas num movimento de negação-afirmação dessa vinculação e de uma apropriação de conceitos que são manuseados livremente, de acordo com as conveniências de serem, um romancista, outro escritor. A formação acadêmica, tanto para Alencar quanto para Freyre, configura-se como um problema, ora colaborando, ora suscitando indagações.

Diz Alencar que, na juventude, “Os estudos de filosofia e história preenchiam o melhor de meu tempo, e de todo me atraíam”, porém, “O único tributo que paguei então à moda acadêmica foi o das citações. Era nesse ano de bom-tom ter memórias de frases e trechos escolhidos dos melhores autores, para repeti-los a propósito” (*CPSR*, p.43). Contudo, parece ter sido esse longo percurso de leituras, desde a infância e adolescência, de romances, sobretudo de autores franceses, dos primeiros romances nacionais, dos cronistas, que consubstanciou sua vocação de romancista. Em São Paulo, em 1846, com apenas 15 anos, funda com seus colegas uma revista semanal intitulada *Ensaio Literários*, que teve breve duração. Alencar começa nessa fase a esboçar seus primeiros poemas e a germinar-se como cronista, ofício, como se sabe, de longa duração em sua vida.

Coincidentemente, Freyre, com apenas 14 anos, torna-se redator-chefe de um pequeno jornal de colégio médio intitulado *O Lábaro*, na mesma fase em que lê os romancistas e poetas nacionais, a literatura francesa e inglesa, entre outros. Pelo que se depreende dessas semelhanças, a “vocação” de Alencar-romancista e a de Freyre-escritor teria essa germinação comum: as leituras de adolescência, antes de passarem pelas academias.

Por conseguinte, só se torna possível compreender o pensamento intelectual brasileiro do século XIX se tomarmos José de Alencar como referência. Era um homem de idéias em um país colonial e patriarcal, aprisionado a valores de uma civilização européia considerada superior, o que exigia um esforço de combate para ter seu pensamento na roda dos debates, o que muitas vezes levava o artista à exposição eloqüente e à exaustão. No século XX, por sua vez, no campo das idéias, teremos de recorrer a Freyre, tanto no nível da necessidade de se dar sentido ao passado de uma nação, bem como para se entender o estágio das ciências na década de 1930 e antecedentes, suas dificuldades, embates, recursos, na capacidade de entendimento dos leitores e das inovadoras interpretações sobre a história social nacional. É claro que Freyre encontra um estágio nas ciências sociais e na literatura muito mais avançado do que o de Alencar, mas é curioso o fato de Freyre enfrentar tantas críticas pelo seu estilo, o ensaísmo, mostrando-se como um cientista à frente dos estudiosos brasileiros.

O fato de Freyre inspirar-se em Alencar apresenta-se como uma aparente contradição: almejar uma renovação dos imaginários sócio-históricos e culturais em momento modernista, trazendo para

a cena questões dos românticos, cujas vanguardas dos anos de 1920 e 1930 combatiam? Entretanto, a chave para a compreensão dos variados recursos e fontes de Freyre concentra-se justamente no método do autor, que também se sustenta no aproveitamento de fontes diversificadas e sínteses já realizadas sobre a nossa cultura. O diálogo de Freyre com as experiências de Alencar, em unir o literário ao social, não se traduz em uma contradição, mas em um aproveitamento bem rentável para a constituição de uma narração compatível para uma interpretação mais autêntica e de acordo com a realidade cultural.

Tanto a orientação de Alencar quanto os resultados podem ter sido obliterados – se é que podemos assim dizer se levamos em conta os recursos analíticos disponíveis no século XIX no País. Porém, os propósitos de Alencar eram de positividade de uma cultura tropical diferenciada na América, isso Freyre percebeu; como indicou o romancista também a força opressora do colonizador sobre uma cultura quase extinta, a indígena. O limite de Alencar talvez se prenda em não aprofundar essas diferenças e em ter a Europa como padrão civilizacional e de progresso; essa ambivalência local/universal manifesta em Alencar colocaria sua ficção em descompasso com sua motivação. Freyre percebeu esse movimento de Alencar, incorporando a intenção valorativa, mas invertendo, pelo menos parcialmente, a orientação e os resultados. O movimento de Alencar vai-se defrontar com os propósitos de Freyre pela desarmonia que marcou nossos processos culturais e civilizacionais no século XIX, muito dependentes de influências e olhares eurocêntricos, contribuindo para se erigir “uma civilização de estufa”, “artificial”, nas palavras de Lúcia Miguel-Pereira (1936).

Dos romancistas do século XIX, especialmente de Alencar, Freyre recolhe como fontes para eus ensaios e seminovelas informações sobre costumes coletivos e privados, de mecanismos de controle e de coerção social, do modelo econômico de base escravocrata, do pensamento das elites, das relações familiares patriarcais, características que penetravam nos romances alencarianos, porque a proposta era pensar o meio do qual os artistas eram integrantes, re-significar o passado e promover críticas aos desvios, desempenhando essa literatura um papel formador e pedagógico.

A boa intenção de Alencar pecaria na dissimulação de sua-nossa condição mestiça. Silvio Romero trazia noções bem avançadas nas últimas décadas dos oitocentos, sem dúvida, mas era dubio em relação à mestiçagem; ora parecia um bem, ora parecia um mal. Porém, tanto Alencar quanto Romero iniciariam a mescla, um na ficção, outro na crítica literária. Alencar, ao narrar as variedades de culturas presentes na pátria brasileira, ao ficcionalizar temáticas que enunciavam conflitos que se passavam nas esferas privadas, urbanas e regionais, algumas questões étnicas problemáticas, como a devastação de milhares de indígenas pelo colonizador, ao apresentar perfis de personagens que sofriam prejuízos que dificultavam a ascensão social devido à origem negra ou mestiça, já acenava para um certo mal-estar, já expunha alguns choques que marcaram a gestação de nossos processos civilizatórios. Tem mérito nosso grande Alencar em querer identificar um reconhecimento específico para a nação brasileira por intermédio de sua literatura, mais do que de sua atuação como político. Esta mescla, porque não dizer, seu “hibridismo romântico”, juntamente com as noções de cor local, de tropicalidade, de valorização do tema familiar e das relações de âmbito privado narradas em sua ficção seriam alguns dos caminhos abertos pelo nosso “pequeno Balzac” para que Freyre fizesse aproveitamento delas e invertesse a dinâmica. Isto resultou em um bem para cultura brasileira, que foi a positividade da mestiçagem.

Essas similaridades significativas entre Alencar e Freyre, enfim, demonstram que ambos os autores desejaram determinar seu papel em nosso sistema cultural e seu lugar na posteridade. Tencionaram deixar registrado para seus leitores o porquê da delimitação de suas escolhas, e no caso de Freyre, o porquê de considerar seus estudos não somente sociológicos, mas também transdisciplinares, sem se restringir a um homem das ciências sociais. Registram ambos quais foram

os fundamentos dessa escolha intelectual, que passa pelo reconhecimento de um dado cultural objetivo – o de serem americanos, brasileiros e nordestinos. Demonstram que uma literatura empenhada, como foi a brasileira até pelo menos a década 1960, teve função primordial para a renovação de imaginários e de valoração cultural.

O ensaio de Freyre intitulado *Reinterpretando José de Alencar* tem registrado como data de redação maio de 1951 a julho de 1954. Novamente temos aqui a reincidente constatação de ser Alencar uma das fontes literária preferenciais de Freyre para desenvolver suas interpretações como sociólogo-antropólogo e, neste caso, seriam as teses relacionadas ao conceito de “tropicalismo”, que se alongaria depois para sua proposta de tropicologia. A primeira versão desse ensaio, intitulada *José de Alencar, Renovador das Letras e Crítico Social*, tem data de 1951-1952, e coincide com o período em que Freyre viajou pela Europa, Ásia e África em busca de caracteres constantes da colonização portuguesa nessas regiões – de agosto de 1951 a fevereiro de 1952. Aventamos esses fatos para comprovar as sugestões reiteradas sobre a importância de José de Alencar para a configuração de uma arquitetura do método teórico de Freyre. Nessa direção, nosso romancista é reinterpretado ao mesmo tempo em que o ensaísta insiste na ressurgência de temas que influíram nos processos sócio-históricos das colonizações portuguesas. E isto não denota uma mera coincidência, como afirma o próprio Freyre: “Desta vez venho acentuar nele [Alencar] um tropicalismo que torna sua literatura atraente objeto de estudo para qualquer tentativa de reinterpretação da cultura brasileira como aspecto da cultura que venho denominando lusotropical”. (1955, p.3)

Para Freyre, a crítica social é determinante na produção alencariana. Além de renovar a literatura brasileira, promovendo a fixação de um “estilo lusotropical” e uma atualização do idioma, Alencar recusou-se a ser um “subeuropeu”, não se submeteu à condição colonial. Sua literatura refletiria as contradições das famílias brasileiras, do meio patriarcal-rural, expondo “figuras de brasileiros, especialmente de brasileiras, produzidas por esse ambiente ou apenas tocadas pela emergência de uma nova ordem, mais urbana, mais burguesa, e até o seu tanto industrial” (Id.ib., p.4) Concentraria na família o cerne da ficção de Alencar, já que a literatura do século XIX manifestaria o poder patriarcal e a pressão deste poder sobretudo sobre o homem de família. Este critério familista em literatura teria atingido seu ponto de culminância com Alencar, o que daria a ele um estatuto que ultrapassa o de literato, mas essencial para a condição de romancista, que seria o de ser ao mesmo tempo um sociólogo e um psicólogo “do fenômeno literário alongado do cultural e do social”. (Id.ib., p. 5).

Freyre incorpora este critério familiar patriarcal em suas seminovelas *Dona Sinhá e o Filho Padre* (1964) e *O Outro Amor do Doutor Paulo* (1977). O tratamento dos temas não deixa de ser uma retomada em linguagem mais atual das ficções de Alencar: o tempo das narrativas de Freyre remete-se ao Segundo Império; há prevalência dos complicadores familiares; tem-se a casa como cenário e célula do mundo patriarcal e a rua como um mundanismo mais destinado ao homem; tem-se a figura da mulher em sua reclusão doméstica e com sua prática religiosa; indicam-se repressões na sexualidade; em suma, todos esses elementos são descritos minuciosamente à moda alencariana. Talvez por isso suas seminovelas tenham causado certo estranhamento na crítica, por terem uma aparência extemporânea. Temas, extrapolações descritivas, fixação no século XIX são fatores que aproximariam a ficção de Freyre da de Alencar. Há uma semelhança com o procedimento de Alencar nas longas descrições da vida brasileira em Paris e, nesse sentido, se Freyre indica o “paisagismo eloqüente” de Alencar, analogamente, transfere essa eloqüência para a descritividade, o que nos leva a constatar por uma “descritividade eloqüente” em Freyre.

Alencar e Freyre tinham personalidades eloqüentes. Essa eloqüência está presente não somente nas críticas e análises, mas configura um fator estético interno às suas ficções, cada um a sua maneira. Para Freyre, Alencar utiliza o “paisagismo eloqüente” como instrumento estético para a realização da crítica ao sistema familiar; sua literatura expressaria, então, um esforço socialmente crítico e

reformador da sociedade, porque ele desnudaria o *status* familiar e seu poder determinante para formar/deformar o indivíduo. Utilizando a eloquência como arma de combate, manifestada no paisagismo e naturismo romanticamente explorados nas descrições das situações ficcionais, no cerne desse procedimento estaria a crítica ao sistema sócio-econômico, de base patriarcal e escravocrata, exercido nas casas-grandes e nos sobrados. Como conclui Freyre: “Eloquência – e eloquência revolucionária – não faltou a José de Alencar nem como político nem como romancista ou escritor” (1955 p.7), consolidando, dessa maneira, um romantismo socialmente crítico no país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Romances ilustrados de José de Alencar*. 8v. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

\_\_\_\_\_. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990.

AMADO, Gilberto (Org.). *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

CANDIDO, Antonio. Gilberto Freyre crítico literário. In: AMADO, Gilberto. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. José Olympio, 1962, p. 120-124.

FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor*. João Pessoa: UFPB, 1965.

\_\_\_\_\_. *Reinterpretando José de Alencar*. Rio de Janeiro: MEC/Dep.Imprensa Nacional, 1955.

MATTA, Carmen da. *Gilberto Freyre e a literatura: em torno de seu ensaísmo, ficções e método interpretativo*. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Rio de Janeiro: UERJ/PPGL, 2007.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Literatura e cultura. In: *Lanterna Verde*, n.3. Rio de Janeiro, fev. 1936, p. 53-57 [fac-símile Biblioteca Nacional].

SCHWARZ, Roberto. \_\_\_\_\_. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.